

Museu Oscar Niemeyer
20.05.08

MUSEU OSCAR NIEMEYER
APRESENTA

Anni e Josef Albers–Viagens pela América Latina
Abertura: de 29 de maio – até 24 de agosto

Curitiba é a primeira cidade brasileira a receber a exposição, com cerca de 350 obras, **do casal alemão Anni (1899-1994) e Josef Albers (1888-1976)**, do acervo da fundação americana que leva o nome dos artistas. A mostra exhibe trabalhos que evidenciam a forte influência da arte e da cultura latina na produção dos Albers. As **viagens**, entre 1934 e 1967, ao **Peru, Chile, Cuba e, por quatorze vezes, ao México** resultaram em uma produção moderna pioneira. A exposição tem o patrocínio da Companhia Paranaense de Energia (Copel), com o apoio da Embaixada dos Estados Unidos da América, no Brasil, The Josef and Anni Albers Foundation, do Ministério da Cultura e do Governo do Paraná.

Formada pela Escola Bauhaus de Design, desenhista, tecelã e escritora, Anni registrou em textos detalhados o que via, pesquisava e aprendia nas viagens. **O conhecimento acumulado deu a Anni novos elementos para suas pesquisas e descobertas em estampas têxteis, aquarelas e ornamentos femininos, como colares.** Em 1965 publicou *On Weaving (Na Tecelagem)*, livro que tornou-se uma referência modernista, com uma famosa dedicatória aos “(...) grandes professores, os tecelões do Peru antigo”. “(...) Para Anni e Josef Albers, sua fé na capacidade da arte em permear todas as áreas da vida levou a dois estilos artísticos distintos, cujo significado tornou-se cada vez mais claro com o passar do tempo. **Anni pode ser considerada uma das artistas têxteis**, cujos designs persistentemente transcenderam os limites da esfera à qual se aplicavam, **mais importantes do século XX.** Ela abriu o meio têxtil para um conceito pictórico autônomo e totalmente próprio das artes (...)”, ressaltou o diretor do Josef Albers Museum, Quadrat Bottrop.

Josef dedicou-se, especialmente, à pintura e ao desenho, em trabalhos que denotam sua intensa experiência no estudo de planos e cores. Bottrop concluiu que “**a realização artística de Josef**, à parte de suas realizações como pedagogo (na Bauhaus) e teórico da cor, **é hoje incontestável:** sua eminente carreira como pintor, culminando com a grande série *Homenagem ao Quadrado*. Essa série encontra-se fora de todos os

conceitos de arte construtiva, e também não ilustra uma teoria. **Mais que isso, trata-se de uma análise e celebração genuína da cor (...)**”.

Miniaturas pré-colombianas

Juntos, Anni e Josef fizeram uma **coleção de inestimável valor**, afetivo e histórico, de *miniaturas mexicanas pré-colombianas*, adquiridas em visitas, de curtas ou longas estadias, a sítios arqueológicos, pelo interior dos países. O acervo todo pode ser segurado em duas mãos e o seu peso equivale a menos de três quilos (...). À medida que examinávamos os fragmentos dos objetos de cerâmica, que incluíam cabeças sutilmente concebidas e, infelizmente, estatuetas normalmente quebradas, nós **não podíamos acreditar que em nossas mãos estavam peças pré-colombianas centenárias** encontradas por camponeses (...) **Na época de nossas primeiras visitas, a arte pré-colombiana ainda não havia sido aceita como arte e sentíamos a emoção da descoberta**”, registrou Anni em 1969. Neste trecho, a artista expressou todo o entusiasmo pelas peças produzidas por culturas existentes antes da descoberta da América por Cristóvão Colombo, em 1492.

O interesse pelas miniaturas os aproximou de Diego Rivera, marido de Frida Kahlo, e Miguel Covarrubias. “Apenas artistas mexicanos como Diego Rivera e Miguel Covarrubias reconheciam a grandeza da arte indígena de sua terra natal, enquanto a elite apreciava quase que exclusivamente a arte tradicional da Europa Ocidental. Tanto Rivera quanto Covarrubias construíram grandes coleções. **Estávamos entre os poucos privilegiados gringos a ver, anos atrás, a coleção de Rivera** em sua casa em San Angel e posteriormente em sua casa em Coyoacán (...).” Admiração semelhante a que a artista nutriu por Paul Klee, ainda nos primeiros anos no Black Mountain College, North Carolina (1933-1949). Sobre a palestra de Klee, *On Modern Art*, que ela traduziu, escreveu para um ex-colega da Bauhaus, caso a tradução fosse publicada: “isso seria um enorme prazer para mim e dar-me-ia a sensação de ter dito, ao menos de algum modo, **OBRIGADA a Klee**”. **A exposição apresenta parte da coleção do casal e da produção distinta de Anni e Josef, com a inclusão de farta documentação sobre essas fascinantes trajetórias artísticas.**

(Box)

Bauhaus e a produção dos Albers

Famosa pela sua abordagem no design, a escola alemã Bauhaus associava o ensino de ofícios e “finas artes”. Apesar de ativa, sob nome e direção diferentes, de 1914 a 1915, teve seu funcionamento suspenso durante a I Guerra Mundial (1914 a 1918). A escola retomou as atividades em Weimar, em 1919, apontada como a data oficial de inauguração da escola. **Os Albers se conheceram na Bauhaus, no início dos anos 1920, onde Josef lecionava o curso preliminar e Anni estudava tecelagem.**

Anni

A artista frequentou a instituição de 1922 até o fim de 1924, quando foi novamente fechada devido às tensões pré II Guerra Mundial (1939-1945). Fortemente estabelecida, diversas cidades ofereceram-se para sediar a Bauhaus. Isto levou a escola para um segundo período em Dessau e, por um curto período, em Berlim, de 1925 a 1933, quando foi fechada pelo regime nazista. Foi em Dessau que Anni consolidou sua carreira como artista, design e professora de tecelagem. **“Quando imigraram para os Estados Unidos em 1933, os Albers levaram com eles o estoque metodológico de conhecimento que haviam adquirido na Bauhaus”**, afirma a curadora chefe da Fundação Josef e Anni Albers, Brenda Danilowitz, responsável pela concepção desta mostra.

Os fundamentos recebidos nas aulas de tecelagem da Bauhaus – frequentada exclusivamente por mulheres que juntas aprendiam e dividiam as técnicas – logo **levou Anni a fazer a associação com a experiência têxtil andina pré-colombiana**. Anos depois, as viagens aos países latinos, com especial interesse pelo México, fizeram Anni concluir que **“as tradições têxteis andinas continham uma verdadeira linguagem** na qual o ‘idioma’ do tecelão era respeitado”, explica a curadora. Brenda Danilowitz diz que na análise da obra de Anni, observa-se “sua busca criativa por diferentes tipos de textos tecidos produzidos por meio de diferentes técnicas construtivas. Em cada um desses processos é possível observar associações com a tecelagem andina”.

Um exemplo dessa busca da artista ocorreu quando Anni tomou contato com um fragmento andino, pré-cerâmica, de tecelagem de fios torcidos, datado de 2000 aC, que deu à artista a oportunidade de observar e

refletir sobre a tradição andina. “(...) Nós facilmente nos esquecemos da incrível disciplina do pensamento que o homem já havia alcançado quatro mil anos atrás. Independentemente de onde o significado tenha que ser concebido sozinho em termos de forma, onde, por exemplo, nenhuma linguagem escrita exista para transmitir descritivamente tal significado, **encontramos um vigor nesta comunicação direta e formativa freqüentemente ultrapassando aquela de culturas que possuem outros métodos adicionais de transmissão da informação**”.

Josef

O crescente interesse do casal pela cultura latina surgiu já na **primeira viagem ao México**, em dezembro de 1935, na qual **a arqueologia e a arquitetura mesoamericana os fascinaram**. Em um cartão postal para o amigo Franz Perdekamp, Josef escreveu: “Após 400 km no carro por três semanas em um país tremendamente belo. Indígenas (90%), pirâmides, palmeiras, cactos tropicos, papagaios, oceano maravilhoso. Clima maravilhoso, sol ardente e fresco para o México a 2000m de altitude. Tudo em volta são planícies e montanhas 6000m. Com neve e vulcões. *A velha arte incrivelmente boa*”.

Entre 1935 e 1941 o casal realizou seis viagens ao centro do México, onde visitaram os sítios arqueológicos de Monte Albán, Mitla, Tenayuca, Calixtlahuaca e Teotihuacán, entre outros. Enquanto Anni aprofundava-se nas técnicas de tecelagem, criando uma linguagem própria, Josef registrava em fotografias o que mais lhe impressionava dentro de seus interesses artísticos. **Muitas das centenas de imagens, que em parte registravam as viagens, foram transformadas em fotocolagens.**

A crítica e diretora de História da Arte na Rocky Mountain College of Art and Design, Kiki Gilderhus, analisa a **importância das fotocolagens na produção de Josef**. “(...) Artisticamente, **as fotocolagens se tornaram tanto um catálogo de sítios, quanto uma seqüência de estruturas geométricas** como templos, praças públicas, quadras de jogos e pirâmides **que Albers iria por fim utilizar como fonte para suas pinturas, suas gravuras e seus desenhos**. (...) Além disso, eu afirmaria que as fotocolagens serviram como uma espécie de caderno de rascunhos ou um livro de referências de padrões, volumes e estruturas tridimensionais. Elas representam um passo vital no seu processo de destilação das formas arquitetônicas mesoamericanas para motivos geométricos simples e elegantes, como *Tenayuca* ou sua imagem mais famosa, *Homenagem ao Quadrado*”.

No texto *Josef Albers 1936-1946: Uma Década de Pintura Abstrata*, Brenda Danilowitz confirma a análise da crítica de arte. A curadora afirma que em 1936, **após a primeira experiência do artista no México, Josef criou três pinturas – *Arqueologia I*, *Arqueologia II* e *Templo* –**“todas perdidas e conhecidas apenas por fotografias da época em preto e branco”. “O historiador de arte Irving Finkelstein, que as viu na casa de Albers em 1965, lembra que elas eram um tanto pequenas e com cores bem vibrantes. A julgar pelas fotografias, essas pinturas, cujas composições concêntricas sugeriam geometrias de sítios arqueológicos antigos do México, são um tanto diferentes de suas obras anteriores. **Essas obras perdidas são evidência provocativa de que o gênesis da série de pinturas de Albers *Homenagem ao Quadrado*, que teve início em 1949, pode ser encontrado nas plantas geométricas dos templos escalonados pré-hispânicos do México.**”

Serviço Exposição:

Anni e Josef Albers–Viagens pela América Latina

Abertura Convidados: 29 de maio

Exibição ao Público: de 30 de maio a 24 de agosto

Onde: Museu Oscar Niemeyer

Endereço: Rua Marechal Hermes, 999

Centro Cívico – CEP: 80530-230

Telefone: (41) 3350-4400

Horário: de terça a domingo, das 10h às 18h

Preços: R\$ 4,00 adultos e R\$ 2,00 estudantes

(Não pagam crianças de até 12 anos, maiores de 60 anos e grupos agendados de estudantes de escolas públicas, do ensino médio e fundamental)